

Desinformação - Uma análise sobre o negacionismo climático no Instagram diante da crise no Rio Grande do Sul¹

Tamara H. Natale de Moraes²

RESUMO

As mudanças climáticas são um fato científico confirmado, com os últimos oito anos (2015-2023) registrando temperaturas recordes, segundo a Organização Meteorológica Mundial (OMM). Apesar de iniciativas diversas, o cenário é crítico e demanda esforços conjuntos. No âmbito ESG, o tema é prioritário, sendo agravado pela desinformação e o negacionismo, principalmente nas redes sociais. Este artigo propõe, por meio de uma análise de discurso, avaliar comentários negacionistas sobre a crise climática no Rio Grande do Sul, presentes em duas publicações nos perfis de Instagram da Agência Lupa e do Observatório do Clima, ambos comprometidos com a verificação de dados e com a ciência. O estudo também enfatiza a importância das multiliteracias – midiática, digital e climática – como ferramentas essenciais para enfrentar a desinformação e promover a resiliência social.

PALAVRAS-CHAVE: análise de discurso; crise climática; desinformação; mudanças climáticas; multiliteracias.

As mudanças climáticas já são um fato dado pela ciência. Segundo Organização Meteorológica Mundial (OMM), agência-braço das Nações Unidas e responsável por monitorar e estudar a atmosfera terrestre, suas interações com a terra e os oceanos e a distribuição dos recursos hídricos, os últimos oito anos (2015 – 2023) registraram as mais altas temperaturas no planeta. Também foram gerados novos recordes em relação ao aumento do nível do mar e de aquecimento dos níveis dos oceanos.

Segundo o último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, 2018), uma organização científico-política criada em 1988 em uma ação conjunta entre a ONU, PNUMA e OMM, mesmo se todos os países do mundo implementarem todos os seus compromissos climáticos, isso provavelmente não será suficiente para manter o aquecimento global em 1.5°C acima dos níveis pré-industriais.

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Doutoranda (Bolsista CNPq), Escola Superior de Propaganda e Marketing, tamara.natale@acad.espm.br.

Mesmo diante de diversas iniciativas e investimentos ligados a possíveis soluções das mudanças climáticas, o cenário é crítico e precisa de esforços conjuntos para ser revertido. No âmbito da agenda ESG (ambiental, social e governança) das grandes corporações, talvez esse seja o tema mais tratado, bem como nas iniciativas de outros atores como governo, OSCs (organização da sociedade civil) etc.

Um dos pontos de maior inflexão nesta agenda é a desinformação e o negacionismo climático, principalmente no âmbito das redes sociais. Além de compromissos globais mais robustos e investimentos em soluções pautadas na ciência, é necessário que haja uma grande força-tarefa para minimizar as desinformações sobre o tema bem como um engajamento coletivo e consciente sobre os impactos das mudanças climáticas e as possíveis ações em diferentes níveis para uma tentativa de solucionar o problema. Em 2016, Hornsey et. al., realizaram uma pesquisa, por meio de uma meta-análise, que apresentou as correlações entre as “crenças pessoais” e as “mudanças climáticas”. Duas conclusões surgiram do estudo: (1) a pesquisa identificou certos valores ideológico-partidários entre as principais variáveis associadas ao negacionismo climático - a saber: cultura individualista, hierárquica e defesa do livre-mercado e (2) outro fator importante que influencia essa e outras formas de negacionismo é a percepção pública sobre os níveis de consenso na comunidade científica, amplamente mediada por sistemas e tecnologias de comunicação (SANTINI E BARROS, 2023, p. 2).

Com a ascensão das redes sociais, como plataformas de comunicação, é notável a transformação na maneira como as pessoas interagem, compartilham informações e discutem questões sociais e políticas. As próximas décadas trarão mudanças drásticas ao cotidiano de muitos cidadãos, em todos os níveis, não só derivadas das alterações climáticas, mas, também, provocadas pelos impactos em todos os setores da atividade social, das tecnologias da informação e comunicação digitais (FERIN, 2022, p. 186). O Instagram, em particular, tem sido uma ferramenta relevante para a disseminação de ideologias e narrativas, inclusive aquelas que negam a realidade das mudanças climáticas.

Assim, a proposta deste artigo é analisar o impacto dos comentários negacionistas feitos em duas publicações que defendem a ciência em relação às mudanças climática. A escolha dos perfis (Agência Lupa e do Observatório do Clima) para análise se justifica pela relevância e credibilidade dessas instituições no combate à desinformação e na disseminação de informações científicas. A Agência Lupa é uma referência em verificação de fatos no Brasil, enquanto o Observatório do Clima é uma organização

respeitada por seu compromisso com a comunicação científica sobre mudanças climáticas. Ambos os perfis têm grande alcance nas redes sociais e são frequentemente alvos de comentários negacionistas, tornando-os ideais para examinar como discursos contrários à ciência se manifestam em espaços comprometidos com a precisão e a responsabilidade informativa. Os conteúdos analisados se referem ao caso das enchentes no Rio Grande do Sul e descredibilizam e minam a confiança das instituições emissoras, afetando a percepção pública e a confiança em fontes de informação reconhecidas e que pautam seus conteúdos em bases científicas. Também queremos evidenciar a importância dos processos de “multiliteracias” (literacias midiática, digital e climática) para o desenvolvimento da sociedade, fortalecendo a resiliência contra a desinformação e promovendo uma sociedade mais bem informada e preparada para enfrentar desafios contemporâneos.

Desinformação e negação da ciência

Há aproximadamente dois séculos, a “ciência climática” começava a ser debatida no âmbito das Universidades em diversas disciplinas. Nos últimos anos, muito esforço vem sendo colocado nesta agenda, no sentido de trazer luz as necessidades de melhorias, inovações e esforços coletivos para uma mudança no cenário da acelerada mudança no clima global.

O termo “*climate change*” (mudança climática), designa uma mudança do clima atribuída direta ou indiretamente à atividade humana que altera a composição da atmosfera global e que se soma à variabilidade natural do clima observada em períodos comparáveis (IPCC, 2018). Já se é sabido que a mudança necessária para uma virada no cenário de impactos climáticos vai além da ótica do consumo e do estilo de vida - que não deixam de ser altamente relevantes. Temos um problema estrutural que está na base da produção. Sem mudança no processo produtivo não é possível deter a degradação do meio ambiente e por consequência a depleção dos recursos naturais e das mudanças climáticas (CRESPO, 2021, p. 73).

As alterações no clima trazem impactos significativos para sociedade, em diversos aspectos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2024) 99% do ar que a população global respira, é poluído devido principalmente da queima de combustíveis fósseis. Algumas doenças podem ser associadas a esse fato como asma, câncer de pulmão, derrames e outras. Também de acordo com a OMS, as ondas de calor têm sido associadas

a uma ampla gama de efeitos adversos à saúde, incluindo ataques cardíacos, doenças renais, doenças cardiorrespiratórias, redução do bem-estar mental, entre outros (OMS, 2024).

Nos últimos dez anos, observou-se um recorde de aquecimento, com a temperatura média da superfície global já ultrapassando 1,1°C em relação aos níveis pré-industriais. Esse aquecimento tem implicações ambientais significativas, incluindo o aumento da frequência e intensidade de eventos climáticos extremos, a perda de biodiversidade e a alteração dos ecossistemas naturais. As mudanças climáticas não só ameaçam a saúde humana, mas também têm efeitos devastadores no meio ambiente, destacando a urgência de ações mitigadoras para proteger o planeta (OMS, 2024). Além disso, a disponibilidade de água potável está em risco devido à redução dos níveis de água nos rios, lagos e aquíferos, assim como a maior ocorrência de secas e inundações (KUNDZEWICZ et al., 2008). Há também dados que apontam para diversos impactos econômicos. Em uma descoberta recente do Fórum Econômico Mundial (WEF), há uma estimativa de que impactos climáticos custarão aos sistemas de saúde mais menos US\$ 1,1 trilhão globalmente até 2050 (WHO, 2024). As mudanças climáticas terão seu maior impacto sobre a parcela mais vulnerável do mundo, aprofundando as desigualdades e moldando o futuro da saúde entre todos os povos.

No entanto, essa mensagem não conseguiu penetrar na maioria das discussões públicas sobre mudanças climáticas (LANCET, 2009). Neste sentido a propagação de desinformação e o negacionismo climático agravam esses impactos, pois distorcem a percepção pública sobre a gravidade das mudanças climáticas e a urgência das ações necessárias para mitigar seus efeitos.

Mesmo com uma vasta divulgação científica sobre o tema e suas implicações ainda vemos uma avalanche de informações erradas e intencionalmente alteradas ou recortadas na temática das mudanças climáticas que levam o público a diversos comportamentos danosos como compartilhamento de desinformações e ou a criação de uma polarização em cima de um tema que tem cada vez mais adquirindo um estereótipo negativo. Esses estereótipos nos são transmitidos com tal força e autoridade que podem parecer um fato biológico, além da psicologia social descrever a tendência em formar noções simplificadas que recobrem os elementos contraditórios do real, ignoram exceções e permanecem rigidamente imunes à experiência (BOSI, 1992, p. 113), excluindo uma análise com base em dados e evidências.

Este processo de esteriotipização em relação aos conteúdos e instituições acontece há um certo tempo e causa uma confusão nos receptores das mensagens tornando cada vez mais difícil um rompimento neste ciclo vicioso. Confiamos nas instituições que nos socializam: eis a razão das nossas primeiras crenças e atitudes... A mudança de atitude exige uma reorientação intelectual, um rompimento com os vínculos sociais. É uma reestrutura da experiência passada. A mudança de atitude causa uma desordem nas relações sociais. Toda criatura reage defendendo-se da desorientação. (BOSI, 1992, p. 114). Uma razão pela qual o público está confuso é que algumas pessoas têm tentado intencionalmente confundi-lo, em grande parte, promovendo campanhas de dúvida contra a ciência climática. Semear dúvidas é uma estratégia antiga. Funciona porque, se as pessoas pensam que a ciência é controversa, é improvável que apoiem políticas públicas baseadas nessa ciência (ORESQUES E CONWAY, 2010).

A desinformação tem um impacto potencialmente adverso sobre indivíduos e a sociedade. No entanto, existem elementos de desinformação que são ainda mais prejudiciais e, talvez, mais perigosos. Há evidências de que a presença de desinformação faz com que as pessoas parem de acreditar em fatos por completo... Os efeitos da desinformação são particularmente pronunciados quando a desinformação é apresentada como uma teoria da conspiração (LEWANDOWSKY et al., 2017, p. 335), como vemos frequentemente acontecer com as questões relacionadas as mudanças climáticas.

Pensar não é uma atividade subjetiva, é um relacionamento entre sujeito e objeto... A opinião sem recurso gera uma razão interna que incorpora a si só o que lhe é semelhante, vendo em tudo confirmação de si própria. Falta-lhe a liberdade para o pensamento assumir a diferença das coisas... Na vida prática, não temos sempre condições de transformar opinião em conhecimento: a verdade fica sendo a opinião comum. A técnica acentua, no dia a dia, esse caráter mágico de não-verificabilidade (BOSI, 1992, p. 116).

A complexidade da divulgação das informações científicas

Consideramos os discursos como uma produção sócio-histórica composta por procedimentos criados socialmente. Nesses processos podem se fixar violências, e ao mesmo tempo, essas violências podem ser vencidas. Precisamos lembrar sempre que o discurso tem vontade de verdade (FOUCAULT, 1970). No âmbito da proliferação das

desinformações nas redes sociais, precisamos ir além e entender como os textos enunciados são intencionalmente referidos e principalmente precisamos entender como os algoritmos tendem a potencializar a polarização e os ataques à democracia (FERIN, 2022, p. 186).

Nas redes sociais onde todos são enunciadores, a margem para disseminação de desinformações de discurso de ódio é muito alta. Em um circuito de informações publicadas, muitas distorções acontecem e muito geradores de conteúdo desconhecem sua responsabilidade sobre aquele processo. O próprio locutor, em certo grau, é um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores... Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (BAKHTIN, 1997, p. 164).

De acordo com o recém-divulgado relatório de riscos do WEF, a desinformação e a informação falsa são os maiores riscos a curto prazo, enquanto os fenômenos climáticos extremos e as alterações críticas nos sistemas terrestres constituem as maiores preocupações a longo prazo (WEF GLOBAL RISKS REPORT, 2024). A amplificação de teorias conspiratórias e desinformação ligadas as mudanças climáticas se tornaram uma ameaça constante aos programas e ações que vem sendo desenvolvidos em diversas camadas.

A descredibilização de cientistas e instituições científicas criam obstáculos significativos para a disseminação de informações corretas sobre as mudanças climáticas. Quando pesquisas são constantemente questionadas e desacreditadas, o público pode se tornar cético em relação à veracidade dos dados e das conclusões apresentadas. Isso não apenas mina a confiança nas autoridades científicas, mas também dificulta a aceitação de evidências científicas e a implementação de políticas baseadas em ciência. Como resultado, a disseminação de informações precisas e fundamentadas sobre questões climáticas torna-se mais desafiadora, prejudicando esforços globais para mitigar os efeitos das mudanças climáticas e promover a sustentabilidade.

Na tragédia climática recém vivida pelo estado do Rio Grande do Sul (Brasil), foi possível notar um crescimento substancial na circulação da desinformação nas redes sociais. Para contextualizar, no mês de abril de 2024, o estado sofreu enormes impactos com as chuvas. O grande volume de água atingiu mais de 400 cidades, principalmente nas regiões do Vale do Rio Pardo e Vale do Taquari e na região metropolitana de Porto

Alegre. Esse é o maior desastre climático da história do estado. A tragédia também é a quarta a atingir o estado em menos de um ano. Ainda assim, poucos recursos foram destinados à prevenção e preparação para esses eventos extremos. Tanto o governo do estado, quanto a prefeitura de Porto Alegre haviam reduzido seus gastos com defesa civil nos últimos anos. Dos 34 parlamentares gaúchos, apenas uma destinou emenda para prevenção de desastres em 2024 (NETLAB, 2024).

Com a tragédia em andamento e a necessidade de ajuda por parte de quase todas as cidades do estado, as redes sociais foram tomadas por conteúdos relacionados ao tema. Desde campanhas solidárias partindo de múltiplos atores (sociedade civil, influenciadores, órgãos do governo, ONGs etc.) como críticas e mensagens de solidariedade. Junto com esses conteúdos, diversas instituições que trabalham em favor de ações contra as mudanças climáticas também se pronunciaram. Os mais diversos tipos de mensagens circularam nas redes: críticas as esferas governamentais, explicações de como essas tragédias acontecem etc. E neste momento, junto aos mais variados conteúdos, diversos comentários negacionistas emergiram e formaram uma rede de desinformação.

Dados compilados pelo Instituto Democracia em Xequê (DX), parceiro da Fundação Heinrich Böll, entre 7 e 13 de maio mostraram que as inundações no RS dominaram as redes sociais, com 7,7 milhões de publicações e 71,1 milhões de engajamentos. Aproximadamente 4 milhões divulgavam desinformações sobre o tema. O avanço das tecnologias digitais impulsionou a produção de dados e publicações cada vez mais sofisticadamente falsos dentro da própria comunidade científica (SANTINI E BARROS, 2022, p. 5).

Em um cenário onde a proliferação de informações nas redes sociais é constante, a complexidade da divulgação das informações científicas torna-se um desafio. A disseminação de desinformações e discursos de ódio nas redes sociais é facilitada pela alta margem para tais práticas, com muitos geradores de conteúdo desconhecendo sua responsabilidade no processo. A recente tragédia climática no RS exemplifica o impacto devastador da desinformação, que, ao se espalhar rapidamente nas redes sociais, mina a confiança nas autoridades científicas e dificulta a implementação de políticas e ações eficazes.

Análise de discurso

Para ilustrar o problema da desinformação em relação à crise climática explorado anteriormente, escolhemos a metodologia de “Análise de Discurso” para responder à pergunta de pesquisa “Como os comentários negacionistas feitos em publicações que defendem a ciência em relação às mudanças climáticas, no Instagram, no caso das enchentes no RS, descredibilizam e minam a confiança nas instituições?”.

Para sistematizar o processo de análise, fizemos a apuração do conteúdo de dois posts, feitos por instituições reconhecidas e com credibilidade, bem como analisamos os 50 primeiros comentários de cada post. A opção desse caminho foi feita para que haja um entendimento do confronto dos discursos pronunciados. O que caracteriza o discurso, antes de tudo, não é seu tipo, é seu modo de funcionamento. Os tipos resultam de funcionamentos cristalizados que adquiriram uma visibilidade sob uma rubrica, uma etiqueta que resulta em fatores extra discursivos, lógicos, psicológicos, sociológicos etc. O que interessa primordialmente ao analista são as propriedades internas ao processo discursivo: condições, remissão a formações discursivas, modo de funcionamento (ORLANDI, 1999, p. 86).

O primeiro post analisado foi divulgado pela Agência Lupa no dia 10/05/2024. A Agência Lupa é uma instituição fundada em 2015 e que tem como principal objetivo fazer a checagem de conteúdos divulgados em redes sociais. Atualmente mantém parcerias com de produção com instituições jornalísticas e de educação midiática, visando ampliar a discussão e o conhecimento sobre as consequências da desinformação na sociedade e na democracia. A agência acompanha o noticiário de política, economia, cidade, cultura, educação, saúde e relações internacionais, buscando corrigir informações imprecisas e divulgar dados correto.

O post escolhido para esta análise contém a divulgação de dados históricos sobre as chuvas no RS. Na legenda, números importantes são destacados, como “*Entre 2003 e 2022, os prejuízos estimados chegaram a R\$ 22,5 bilhões*”. E na sequência há um carrossel de imagens com dados relevantes. Até o dia 03/06/2024 o post contava com 2.117 curtidas e com 142 comentários (Link para acessar o post: https://www.instagram.com/p/C6yqZAFrhPM/?img_index=1).

O segundo post escolhido foi publicado pela Organização “Observatório do Clima”, uma rede brasileira formada por organizações não governamentais e movimentos sociais, dedicada ao debate e à ação em relação às mudanças climáticas. A organização

foi fundada em 2002 e tem como principal foco promover políticas públicas eficazes de combate ao aquecimento global, monitorando as emissões de gases de efeito estufa no Brasil e oferecendo análises críticas sobre a atuação do governo e do setor privado. Por meio de pesquisas, campanhas de conscientização e *advocacy*, buscam influenciar a agenda climática nacional e internacional, incentivando a adoção de práticas sustentáveis e a redução das emissões de carbono, contribuindo assim para a mitigação dos impactos das mudanças climáticas e para a promoção da justiça climática (Link para acessar o post: https://www.instagram.com/p/C7FN8ZsSSYG/?img_index=1).

O post analisado tem como intuito fazer a divulgação de uma pesquisa feita pelo NetLab - laboratório de pesquisa da UFRJ que estuda a comunicação digital e seus impactos sociais, como desinformação e polarização política. E na sequência um carrossel com as principais informações. Para a análise dos comentários selecionados, adotamos a “tipologia dos Discursos”, culminada pela pesquisadora e professora Eni Orlandi.

A pesquisadora categoriza os discursos em três eixos: discurso autoritário (signo monovalente); discurso lúdico (signo movente / negociável) e discurso polêmico (signo plurivalente / polivalente). Nesta categorização, a análise do discurso é caracterizada por uma ênfase no funcionamento do discurso.

Segundo Orlandi (2007), as tipologias de discurso, tais como discurso autoritário, polêmico e lúdico, são vistas como resultados de funcionamentos discursivos cristalizados, que se tornam visíveis através de etiquetas associadas a fatores extra discursivos, como aspectos lógicos, psicológicos e sociológicos.

A partir dos 50 primeiros comentários em cada post, podemos inferir que posts científicos são mais atacados e descredibilizados nas redes sociais do que defendidos e suportados pelos consumidores de conteúdo. Na análise, podemos identificar a prevalência do “discurso polêmico”, caracterizado pelo signo plurivalente ou polivalente, onde múltiplos significados e interpretações conflitantes coexistem e se chocam.

No post da Agência Lupa, observamos que muitos usuários adotam um tom crítico e contestador, frequentemente questionando a veracidade das informações científicas e a competência da instituição. Afirmções “são comprados”, “você são financiados por quem?” e “#agencialula” aparecem mais de uma vez e refletem uma postura de combate, ceticismo e desconfiança em relação ao conteúdo postado. Esses comentários exemplificam o discurso polêmico ao introduzir múltiplas camadas de interpretação que desafiam a narrativa científica estabelecida. Os usuários não apenas questionam as causas

e soluções apresentadas, mas também insinuam falhas sistemáticas nas abordagens propostas pelas instituições científicas.

Já no post do Observatório do Clima, o discurso polêmico é ainda mais evidente. Comentários como “Qual a função dessa página mesmo? Representa a quem?”, “sempre que se defende a verdade, se está defendendo o governo” e “panfletista de governo” mostram uma clara intenção de desacreditar a legitimidade e a intenção da página e de suas informações. Esses comentários não só contestam diretamente a autoridade das instituições científicas, mas também sugerem a existência de agendas ocultas ou interesses escusos por trás das informações divulgadas.

Em ambas as publicações se criou um ambiente de desconfiança e descredibilização em cima de dados técnicos e averiguado, onde qualquer informação científica é potencialmente vista como manipulada ou mal-intencionada, bem como uma politização descabida em cima do tema.

A linguagem não é um mero instrumento de comunicação. Ela tem sua materialidade, sua ordem própria na qual “esbarramos”. E a análise de discurso é a teoria que sabe trabalhar isto ligando língua/sujeito/história, trazendo para a reflexão a ideologia, relacionando-a com o gesto de interpretação (ORLANDI, 2007, p. 6). Em um ambiente digital, onde as interações são rápidas e frequentemente anônimas, esse tipo de discurso encontra terreno fértil para se proliferar. A multiplicidade de vozes e a falta de mediação editorial nas redes sociais amplificam a visibilidade de narrativas conflitantes, tornando mais difícil para o público discernir entre informações confiáveis e desinformação.

A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador etc.) tem a particularidade de ser horizontal... Aliada a questão da memória está o fato de que a forma material que é o texto, mexe com a natureza da informação, produz efeitos sob o modo como ela funciona. A natureza do significante (diferentes linguagens) intervém na produção do objeto e este objeto, por sua vez, constitui o modo de significação deste gesto simbólico. E o que é um texto? É uma unidade de significação em relação à situação. Esta sua caracterização pode ser mantida, mas certamente a textualidade, sua forma material, sua relação com a memória e com as condições de produção diferem quando difere sua materialidade significante. (Orlandi, 2007, p. 5)

Nos comentários analisados, há uma dinâmica de contestação contínua, onde os usuários utilizam estratégias discursivas que variam desde a ironia e o sarcasmo até

ataques pessoais diretos. Esse tipo de movimento alimenta uma narrativa de falha constante, reforçando a ideia de que as instituições científicas são incapazes de resolver os problemas que pretendem abordar.

O ambiente digital, com sua natureza fragmentada e polifônica, exalta essas dinâmicas polêmicas. A ausência de barreiras e regulamentações e a possibilidade de interações anônimas permitem que discursos polêmicos e desinformações se espalhem rapidamente, influenciando a opinião pública e minando a confiança nas instituições científicas. Essa proliferação de discursos conflitantes e polivalentes é um desafio significativo para a comunicação científica, que precisa lidar com a contestação não apenas de fatos específicos, mas também de sua própria legitimidade.

Através da introdução de múltiplos significados e interpretações conflitantes, os usuários das redes sociais questionam a autoridade e a competência das instituições, criando um ambiente de desconfiança e incerteza. Essa dinâmica revela muitos desafios, principalmente em momentos de crise e necessidade de ação imediata, e evidencia os desafios na comunicação / divulgação da ciência em plataformas digitais, sublinhando a necessidade de estratégias eficazes para combater a desinformação e reforçar a credibilidade científica.

As multiliteracias como um caminho para o combate da desinformação e do negacionismo climático

A análise dos discursos sobre ciência nas redes sociais, revela um cenário preocupante. A prevalência do discurso polêmico, caracterizado por múltiplos significados e interpretações conflitantes, aumenta a circulação da desinformação e mina a confiança nas instituições científicas. Segundo Bahktin, a palavra é neutra, porém pode funcionar como signo interior e pode ser impactada pela consciência individual.

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daqueles que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho

para sistemas ideológicos estruturados e bem formados (Bakhtin, 2002, p. 38).

Ao entendermos a palavra como arena dos conflitos sociais e como um signo neutro que revela as ideologias de seus locutores e interlocutores, inferimos que a construção de uma comunicação na vida cotidiana assume diferentes significados. A nossa capacidade de agência se torna um elemento fundamental dentro desse circuito de materializações e significados.

Para driblar os processos de desinformação e de descredibilização já estabelecidos nas redes sociais, as multiliteracias podem ser ferramentas indispensáveis para a atuação do cidadão agente e consciente. A consciência de uma cidadania global tem uma genealogia histórica, mas sua atualidade advém da transversalidade da informação e do reconhecimento de causas comuns agregadoras dos cidadãos, potencializadas pelas mídias tradicionais e pelas tecnologias da informação e comunicação. Na base desta percepção, estão os fluxos de informação provocados por eventos, tais como: as grandes catástrofes, as crises humanitárias, casos específicos causadores de impactos emocionais globais, e outros (FERIN, 2022, p. 185).

Os desafios enfrentados neste sentido, principalmente no ambiente digital, são significativos e dominados pelo discurso polêmico. As análises apresentadas anteriormente, demonstram como a desinformação prolifera nas redes sociais, aproveitando-se da multiplicidade de vozes e da ausência de mediação. Diversos comentários ilustram como a desconfiança e a contestação, em relação as informações científicas apresentadas ali, são amplificadas nesse ambiente. Assim, as multiliteracias são ferramentas de compreensão e de ação individual e coletiva, num mundo de complexidades e desafios crescentes, onde as tecnologias de informação e comunicação, os seus conteúdos e efeitos adquirem uma centralidade indiscutível.

O conceito “literacia” nasceu na década de 1960, associado à ideia de educação para as mídias (FERIN, 2022, p. 184). Novos tipos de textos e novas formas de literacia vêm surgido ao longo de mais de 50 anos. Muitos termos estreitamente interrelacionados descrevem o novo conjunto de competências necessárias para o sucesso na sociedade contemporânea. Estes incluem termos como literacia informacional, literacia midiática, educação midiática, literacia visual, literacia de notícias, literacia midiática em saúde e literacia digital, entre outros (HOBBS, 2010, p 17).

Ser capaz de avaliar criticamente conteúdos não é uma competência simples; pelo contrário, engloba um conjunto substancial de conhecimentos sobre os contextos sociais,

culturais, econômicos, políticos e históricos mais amplos em que os conteúdos da mídia são produzidos (BAZALGETTE, 1993). A literacia midiática e a educação midiática, interligadas, referem-se à capacidade de entender, analisar e usar criticamente os meios de comunicação, especialmente digitais, desempenhando um papel crucial na sociedade atual, altamente centrada na comunicação e informação.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) contempla a literacia midiática e informacional (AMI) como um incorporador de conhecimentos sobre: (a) as funções da mídia, das bibliotecas, dos arquivos e de outros provedores de informação em sociedades democráticas; (b) as condições sob as quais as mídias de notícias e os provedores de informação podem cumprir efetivamente essas funções; e (c) como avaliar o desempenho dessas funções pela avaliação dos conteúdos e dos serviços que são oferecidos (UNESCO, 2016, P. 50). Esse conhecimento, por sua vez, deveria permitir que os usuários se utilizassem as mídias e os canais de informação de forma consciente e crítica. Ser "letrado" permite que as pessoas se relacionem de forma mais eficaz, desenvolvam atividades produtivas e remuneradas, alcancem inclusão social e consumam de maneira mais consciente e informada. O olhar crítico sobre a mídia e o compartilhamento de dados nos ambientes digitais, a atenção à origem e intencionalidade político-ideológica de determinada mensagem e às lógicas algorítmicas permitem um consumo midiático mais seguro e consciente (SPINELLI, 2021). Já como literacia digital podemos entender as práticas sociais de leitura e produção de textos, dados e imagens em ambientes digitais, isto é, em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras (COSCARELLI; RIBEIRO, 2015.). Para Martin e Ashworth (2004), a literacia digital refere-se "aos conhecimentos, aptidões, compreensões e abordagens reflexivas necessárias para que um indivíduo opere confortavelmente em ambientes ricos em informação e com recurso ligados à tecnologia da informação.

A análise dos discursos polêmicos nas redes sociais evidencia os desafios significativos na promoção de programas de literacia midiática, digital e climática. A proliferação de desinformação e a contestação das informações científicas minam a confiança nas instituições e dificultam a conscientização pública sobre questões críticas como as mudanças climáticas. Quando as pessoas possuem competências em literacia digital e midiática, elas reconhecem agendas pessoais, corporativas e políticas e são capacitadas a se manifestar em nome das vozes ausentes e das perspectivas omitidas... Ao

identificar e tentar resolver problemas, as pessoas utilizam suas vozes poderosas e seus direitos legais para melhorar o mundo ao seu redor (HOBBS, 2010, p 17). Por isso, investir em programas educacionais que promovam as multiliteracias e a compreensão científica é igualmente crucial para construir uma sociedade mais informada e preparada para enfrentar os desafios atuais e do futuro.

Considerações finais

Os comentários negacionistas em publicações científicas no Instagram, especialmente no contexto das enchentes no Rio Grande do Sul, têm um impacto significativo na descredibilização das instituições científicas. O discurso polêmico, caracterizado por múltiplos significados e interpretações conflitantes, prevalece nos comentários analisados, indicando uma desconfiança generalizada e uma tendência a contestar a autoridade e a competência das fontes científicas. Esse ambiente de desconfiança não apenas mina a credibilidade das instituições, mas também dificulta a disseminação de informações precisas e a implementação de políticas baseadas na ciência.

Segundo Foucault (1970), todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 1970, p. 30). Assim estabelecer processos de multiliteracias, que são formatados em múltiplas competências críticas e que vão além apenas dos saberes, é imprescindível para a sustentação de uma sociedade engajada e consciente em relação, tanto ao conteúdo que consome quanto em relação a responsabilidade que é necessária para as diversas interações nas redes sociais.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução a partir do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo 12ª Edição, HUCITEC, 2006.
- BARRETO, R. G. (2007). **Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi**. Revista Teias, 7(13-12), 7 pgs. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24623>. Acessado em 01/06/2024.
- BAZALGETTE, Cary; BÉVORT, Evelyne; SAVINO, Josiane. **New Directions: Media Education Worldwide**. London: UNESCO, 1993.
- BOSI, Ecléa. **Entre a opinião e o estereótipo**. Novos Estudos Cebrap, v. 32, p. 111-8, 1992. Acesso em: 31 maio 2024.
- CRESPO, Samira. **Conta quem viveu. Escreve quem se atreve. Crônicas do meio ambiente no Brasil**. Curitiba: Editora CRV, 1ª edição, 2021.

- COSCARELLI, F. L.; RIBEIRO, A. C. **A importância da alfabetização digital para a formação de professores**. [Monografia]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, s/d.
- HOBBS, Rene. **Digital and Media Literacy. A Plan of Action**. The Aspen Institute, p. 17, 2010.
- INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Global Warming of 1.5°C: An IPCC Special Report on the impacts of global warming of 1.5°C above preindustrial levels and related global greenhouse gas emission pathways, in the context of strengthening the global response to the threat of climate change, sustainable development, and efforts to eradicate poverty**. Masson-Delmotte, V., P. Zhai, H.-O. Pörtner, D. Roberts, J. Skea, P.R. Shukla, A. Pirani, W. Moufouma-Okia, C. Péan, R. Pidcock, S. Connors, J.B.R. Matthews, Y. Chen, X. Zhou, M.I. Gomis, E. Lonnoy, T. Maycock, M. Tignor, and T. Waterfield (eds.), 2018.
- FERIN, Isabel Maria Ribeiro. **Literacias para a cidadania global**. Comunicação & Educação, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/200305>. Acesso em: 01 de jun. 2024.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- LEWANDOWSKY, S.; ECKER, U. K. H.; COOK, J. **Beyond misinformation: understanding and coping with the “post-truth” era**. Journal of Applied Research in Memory and Cognition, v. 6, n. 4, p. 353-369, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jarmac.2017.07.008>.
- HORNSEY, M. & HARRIS, E. & BAIN, P. & FIELDING, K. **Meta-analyses of the determinants and outcomes of belief in climate change**. Nature Climate Change, 2016.
- INSTITUTO Dx. **Desinformante: infodemia nas emergências do clima - como lidar, como solucionar?** Instituto Dx, 2024. Disponível em: <https://institutodx.org/dx-na-midia/desinformante-infodemia-nas-emergencias-do-clima-como-lidar-como-solucionar/>. Acesso em: 03 jun. 2024.
- KUNDZEWICZ, Z. & MATA, L. & ARNELL, N. & DOL, P. & JIMENEZ, B. & MILLER, K. & OKI, T. & ŞEN, Z. & SHIKLOMANOV, I. **The Implications of Projected Climate Change for Freshwater Resources and Their Management**. Hydrological Sciences Journal/Journal des Sciences Hydrologiques. 2018. 53. 10.1623/hysj.53.1.3.
- LANCET, The. **A Commission on climate change**. The Lancet, Volume 373, Issue 9676, 2009, Page 1659, ISSN 0140-6736. Acesso em 01. Jun. 224. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(09\)60922-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(09)60922-3).
- LEWANDOWSKY, S., ECKER, U. K. H., & COOK, J. 2017. **Beyond misinformation: Understanding and coping with the “post-truth” era**. *Journal of Applied Research in Memory and Cognition*, 6(4), 2017. <https://doi.org/10.1016/j.jarmac.2017.07.008>
- MARTIN, F.; ASHWORTH, P. **The digital literacies of secondary school students: Implications for teaching and learning**. Journal of Computer Assisted Learning, v. 20, n. 4, p. 342-355, 2004.
- NAÇÕES UNIDAS. **ONU: mudança climática pode fazer aumentar crimes como tráfico humano e escravidão moderna**. 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/04/1813222>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- NETLAB. **Enchentes no Rio Grande do Sul: Uma análise da desinformação multiplataforma sobre o desastre climático**. Netlab, 2024. Disponível em: <https://netlab.eco.ufrj.br/post/enchentes-no-rio-grande-do-sul-uma-analise-da-desinforma-multiplataforma-sobre-o-desastre-climatico>. Acesso em: 03 jun. 2024.
- ORESQUES, N.; CONWAY, E. **Merchants of Doubt**. New York: Bloomsbury Press, 2010.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, [1999], 2005a.

- SANTINI, M. & BARROS, C. **Negacionismo Climático e Desinformação Online: Uma Revisão de Escopo**. 2016 Liinc em Revista. Acesso em: 01 jun. 2024.
- SPINELLI, E. M. **Comunicação, Consumo e Educação: alfabetização midiática para cidadania**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 44, p. 127-143, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-58442021307>.
- THE NATURE CONSERVANCY. **IPCC Report: Climate Change**. 2024. Disponível em: <https://www.tnc.org.br/conecte-se/comunicacao/noticias/ipcc-report-climate-change/>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- UNESCO. **Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI): disposição e competências do país**. Brasília: UNESCO, Cetic.br., 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246398>.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Communicating on climate change and health: toolkit for health professionals**. Geneva: World Health Organization; 2024. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.
- WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Risks Report 2024**. 2024. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_GRR24_Press%20release_PT.pdf. Acesso em: 01 jun. 2024.